

F. J. Américo Peret

Kuben-Rop O MACACO HUMANO

Kuben-Rop é o nome que os índios Kayapó deram a um estranho animal que segundo eles, teria a forma aproximada de um homem, com aproximadamente 1.50 cm de altura e o corpo coberto por densa camada de pelos, semelhantes aos macacos. Porém, sua ferocidade é mais violenta que a da onça. Por isso, deram o nome de Kuben-Rop que significa "homem onça".

Conhecemos os índios Kuben-Kran-kein (Kayapó) em 1952, ocasião em que participamos de seus primeiros contatos amistosos com os brancos. Mas, somente em 1963, quando já falávamos razoavelmente o seu dialeto é que tivemos a oportunidade de acompanhar um outro grupo de seus parentes, os Gorotire numa grande caçada.

Os índios Kayapó desde tempos imemoriáveis dominaram a região Sul do Estado do Pará, precisamente entre os paralelos quatro grau até o oito, latitude Sul; e meridianos cinquenta graus até o cinquenta e oito longitude Oeste. Ou seja, entre a margem esquerda do rio Araguaia até o rio Tapajós, faixa essa de mais de mil quilômetros de extensão onde os seus feitos de guerra assombravam os brancos.

Numa de nossas visitas à aldeia do Cacique Kanhonke, Gorotire da região do rio Fresco, afluente do rio Xingu, estranhei a falta da recepção costumeira, pois sempre nos receberam com festas. Sentindo o ambiente tenso, perguntamos o que se passava, mas nos respondiam com evasivas, dizendo que não havia nada, que tudo ia bem. Insistimos, até que um deles se "abriu".

Inhó kê pron (não queremos mais nossas esposas). Mostramos nossa estranheza. Dissêram que aquilo não era próprio do comportamento social deles. Que seus casamentos, depois de consolidados com o nascimento de um filho, não se desfaziam facilmente e que qualquer manifestação de adultério era sempre punido. Ele então, contou que o cacique Kanhonke havia mandado a esposa embora



Reprodução da fotografia do Kuben-Rop.

com os filhos e estava vivendo com uma mulher qualquer, sem valor...

Nos dias seguintes, procuramos uma reaproximação com o cacique, que se mostrava arredo, sem querer tocar no assunto. Um dia, porém, ele aceitou banhar-se conosco. Prontos para o banho, mostramos-lhes uma ilha no meio do rio e propusemos uma prova de resistência e natação. Ele aceitou e assim chegamos na ilha e tomamos um banho de sol. Enquanto descansávamos, perguntei por que os guerreiros estavam nervosos e muito tensos. Ele percebeu que já sabíamos da verdade. Depois de muitos rodeios, Kanhonke decidiu falar:

— Peret, você se lembra da nossa viagem no verão passado, quando seguimos a trilha do Kuben-Rop (homem-onça) e chegamos até a aldeia dos Kuben-Kran-Kein, e de

lá trouxemos aquele grupo de parentes? Pois é, gostei de uma das mulheres que veio naquele grupo. Primeiro andei me encontrando com ela furtivamente e terminei por me apaixonar por ela. Então, mandei minha mulher embora. Agora, o pessoal está todo zangado comigo, e eu não posso voltar atrás; sou cacique e minha palavra é uma só.

— Ora, Kanhonke, eles tem razão. Você é um cacique, um chefe muito querido, e eles não podem admitir que o chefe guerreiro proceda levemente. Este é o preço que paga o chefe. Todos podem fazer o que bem entendem, menos o chefe. Este tem de agir sempre corretamente.

Só depois de muito argumentar, conseguimos convencer o grande guerreiro a mudar de atitude. Combinamos que ele largaria a amante e que para manter as aparências, nós que representávamos a chefia da então SPI, Serviço de Proteção ao Índio) é que iríamos buscar sua mulher e os filhos de volta para o seu lar. Assim feito, voltou a alegria na aldeia.

O Americantropóide, que os índios Kayapó denominam de Kuben-Rop (homem-onça, ou homem fera) deve ser macaco gigante (cerca de 1,60 m), que anda de pé, como gente e às vezes encosta as costas das mãos no chão deixando marcas circulares, como um "pé de garrafa" (fundo de garrafa), da qual se ocupou o cientista francês M. de Loys (No livro "O Homem das Cavernas de Minas Gerais" do professor Anibal

Matos), que teria encontrado um casal desses proto-homens, espécie de "elo" perdido entre o macaco e o homem. O cientista francês afirma ter abatido a fêmea, que tinha 1,60 cm de al e 32 dentes, como o ser humano. Ele denominou o espécime de Americantropóide (América e Antropóide). Fotografou o animal (conforme a reprodução que damos a público) e fez a taxidermia (retirou a pele para conservar e remontá-la posteriormente). Mas perdeu as peças na viagem pelo rio, nas fronteiras da Colômbia, Venezuela e Brasil, restando apenas a fotografia publicada no livro supra-mencionado.

Ouvimos a descrição do Kuben-Rop (Homem-Onça) pela primeira vez, numa aldeia de índios Apiacá, entre o Estado do Amazonas e de Mato-Grosso do Norte: Um índio estava caçando com outros e ouviu gritos repetidos, como se fôssem de um caçador perdido, querendo localizar seus companheiros. Seguiu na direção da voz e chegou ao local. Aproximou-se sem ruído e escondeu-se, ao ouvir alguém carninhando para uma clareira logo adiante. Mas em vez do caçador apareceu a fera, a menos de trinta metros. O monstro não o viu, mas passou tão perto que o cheiro forte fez o índio desmaiar. Encontrado no dia seguinte pelos companheiros, ele narrou o fato.

As sucessivas crises de vômito levaram-no à morte, poucos dias depois. Quem contou a estória foi Cândido Morimam Apiacá, filho da vítima, que também estava na caçada.

No Maranhão, precisamente nas aldeias dos índios Guajajara, recolhemos notícias do Kuben-Rop, que ali é conhecido como Morocoxô. Recentemente nos chegaram notícias de que dois desses espécimes que no Amazonas chamam "Juma" foram abatidos na região do rio Madeira, aqui no Amazonas.

De real, até hoje temos apenas as fotografias publicadas pelo cientista francês M. de Loys, e a possibilidade de encontrar os ossos dos ditos animais que os caboclos do rio Madeira afirmam ter enterrado numa clareira.



A região onde o "Macaco Humano" foi abatido.